



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS CARIRI
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

A LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA:
um estudo de caso na E. E. F. M. Izabel da Luz, em
Juazeiro do Norte - CE

JOSIMERE DA SILVA MATOS

JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

2010

JOSIMERE DA SILVA MATOS

A LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA:
um estudo de caso na E. E. F. M. Izabel da Luz, em Juazeiro do
Norte - CE

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, sob a orientação da Prof^a Ms. Maria Cleide Rodrigues Bernardino.

JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

2010

M4251 Matos, Josimere da Silva

A leitura dentro e fora da escola: um estudo de caso na E.E.F.M.
Izabel da Luz. / Josimere da Silva Matos. Juazeiro do Norte, 2010.

54p.: 30cm.

Orientador: Profa. Ms. Maria Cleide Rodrigues Bernardino

Banca Examinadora: Profª Débora Adriano Sampaio (UFC), Carla
Façanha de Brito (UFC).

Monografia (graduação) Curso de Biblioteconomia / Universidade
Federal do Ceará – CE, Campus Cariri.

1. Leitura 2. Leitura Escolar. I. Matos, Josimere da Silva. II. Título: A
Leitura dentro e fora da escola.

CDD 372.4

JOSIMERE DA SILVA MATOS

A LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA:
um estudo de caso na E. E. F. M. Izabel da Luz, em
Juazeiro do Norte - CE

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, sob a orientação da Prof^a Ms. Maria Cleide Rodrigues Bernardino.

Principais etapas da vida: desde a infância até a adolescência, passando pela vida adulta e a terceira idade, sempre com a presença de Deus e a perseverança e a persistência em todas as etapas da vida, sempre com a presença de Deus e a perseverança e a persistência em todas as etapas da vida.

A minha vida é uma jornada de descobertas e desafios, sempre com a presença de Deus e a perseverança e a persistência em todas as etapas da vida.

Aos meus pais pelo incentivo e terem acreditado em mim em mais uma vitória;

Dedico este trabalho, especialmente a Deus, que me presenteou com o
Dom da Vida, do amor e por está sempre comigo;

Aos meus pais pelo incentivo e terem acreditado em mim em mais uma
vitória;

Ao meu filho Kauã Almeida Matos, minha razão de viver e meu porto
seguro pela compreensão da minha ausência no decorrer do seu
desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

Principalmente a Deus, minha fonte de energia que me deu força e perseverança para concluir este trabalho, a enfrentar os obstáculos e seguir em frente para alcançar meus objetivos;

A minha família, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis e nunca mediu esforços para a conclusão dos meus estudos;

Aos meus colegas de faculdade pelo incentivo, apoio e carinho que me deram durante todo o curso;

Ao meu grande amigo Samuel Alan da Silva, pela presença marcante na minha vida;

A minha orientadora e professora Cleide Rodrigues Bernardino por aceitar a orientação deste estudo e conduzir seu desenvolvimento, com muita sabedoria e paciência a professora e coordenadora do Curso de Biblioteconomia Ariluci Goes Elliott e todos os meus professores que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito deste trabalho;

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A leitura é indispensável para que a criança se desenvolva de forma adequada e possa adquirir novos conhecimentos. Por isso, que a escola tenha um papel fundamental no processo de produção do saber, não só para a realização deste trabalho, mas também a importância da leitura para a vida da criança e a leitura que motiva para a escrita. Neste trabalho, se investiga os processos de leitura dos alunos do C.E.F.M. através de um questionário, buscando diferenças entre a leitura entendida como prática e produzida por um sujeito por parte dos alunos. Nesta abordagem, a leitura é uma prática que envolve o sujeito e a leitura é entendida como prática. De acordo com Mouton (1981), essa prática é entendida como uma prática social e cultural. É o conjunto de ações que se realizam no âmbito da leitura e os seus modos de organização e intervenção. Assim, a leitura é entendida como uma prática social e cultural, que envolve o sujeito e a leitura é entendida como prática. De acordo com Mouton (1981), essa prática é entendida como uma prática social e cultural. É o conjunto de ações que se realizam no âmbito da leitura e os seus modos de organização e intervenção. Assim, a leitura é entendida como uma prática social e cultural, que envolve o sujeito e a leitura é entendida como prática.

Palavras-chave: Leitura, Cultura, Prática, Intervenção, Sujeito.

"A leitura é como uma brisa suave que nos conduz a novos mundos"

Autoria desconhecida

RESUMO

A leitura é indispensável para que a criança no decorrer do seu desenvolvimento mental possa adquirir novos conhecimentos. Por isso que é um papel fundamental no processo de evolução do ser humano. O objetivo ao realizar este trabalho foi analisar a diferença entre a leitura dentro da escola e a leitura que realizada fora da escola. Nele, procura-se investigar as práticas leitoras dos alunos da E.E.F.M. Izabel da Luz. Construindo paralelos diferenciais entre a leitura ensinada na escola e processada por livre escola por parte dos alunos. Nessa abordagem, a leitura é uma técnica que envolve níveis para a aquisição de conhecimento. De acordo com Martins (1984), esses níveis são chamados de sensorial, emocional e racionais. E o ambiente escolar é o lugar de construção da leitura e as séries iniciais é o momento da inserção do aluno ao mundo letrado conseqüentemente da leitura. Quanto ao método utilizado foi através de estudo de caso, utilizando técnicas bibliográficas, documentação direta respaldada por observações direta, intensiva e extensiva com instrumento formulário. Com essa iniciativa, pretende-se contribuir com a tarefa docente de incentivar a promover práticas leitoras na educação.

Palavras-Chave: Leitura. Leitura na Escola. Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

A leitura é indispensável para que a criança no decorrer do seu desenvolvimento mental possa adquirir novos conhecimentos. Por isso que é um papel fundamental no processo de evolução do ser humano. O objetivo ao realizar este trabalho foi analisar a diferença entre a leitura dentro da escola e a leitura que realizada fora da escola. Nele, procura-se investigar as práticas leitoras dos alunos da E.E.F.M. Izabel da Luz. Construindo paralelos diferenciais entre a leitura ensinada e processada por livre escola por parte dos alunos. Nessa abordagem, a leitura é uma técnica que envolve níveis para a aquisição de conhecimento. De acordo com Martins (1984), esses níveis são chamados de sensorial, emocional e racionais. E o ambiente escolar é o lugar de construção da leitura e as séries iniciais é o momento da inserção do aluno ao mundo letrado conseqüentemente da leitura. Quanto ao método utilizado foi através de estudo de caso, utilizando técnicas bibliográficas, documentação direta respaldada por observações direta, intensiva e extensiva com instrumento formulário. Com essa iniciativa, pretende-se contribuir com a tarefa docente de incentivar a promover práticas leitoras na educação.

Palavras-Chave: Leitura. Leitura na Escola. Biblioteca Escolar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	JUSTIFICATIVA: PROBLEMA E HIPÓTESES	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1	O SIGNIFICADO DA LEITURA	13
2.1.1	A História da Leitura na Escola	16
2.1.2	A Leitura Infantil e a Contação de Histórias na Escola	17
2.2	A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	20
2.3	FATORES ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA	22
2.3.1	Fatores Físicos e Fisiológicos	23
2.3.2	Fatores Sociais, Emocionais e Culturais	24
2.3.3	Fatores Perceptivos	24
2.3.4	Fatores Cognitivos	25
2.3.5	Fatores Lingüísticos	25
2.4	O PAPEL DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA	26
2.2.1	A Importância da Biblioteca Escolar Para a Aprendizagem da Leitura	29
3	METODOLOGIA	32
4	ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1	A LEITURA REALIZADA NA ESCOLA	35
4.2	A LEITURA REALIZADA FORA DA ESCOLA	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXOS	46
	APÊNDICE	48

1 INTRODUÇÃO

As questões a respeito da leitura e mais especificamente o papel da biblioteca escolar neste processo é tema de alguns trabalhos acadêmicos. Nosso interesse parte da compreensão do importante papel do bibliotecário no que diz respeito a aprendizagem da leitura e da manifestação de um interesse pelo que chamamos de leitura recreativa, aquela que está fora do livro didático.

Entendemos que há uma espécie de distanciamento entre a leitura que é ensinada na escola e a que efetivamente se processa fora dela. Daí nosso interesse em investigar a partir de um caso específico, aqui representado pela E. E. F. M Izabel da Luz, como se dá esse processo. Dessa forma, baseamos nossa investigação na hipótese da existência de uma diferença entre o ensino e a prática da leitura na escola.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a diferença entre a leitura ensinada na escola e processada por livre escola por parte dos alunos. Com o intuito de adquirir um ensino-aprendizagem satisfatório nos alunos, como uma forma determinante para o desenvolvimento cultural, social e intelecto mais eficiente, através das práticas leitoras na sala de aula. Tendo como objetivos específicos: investigar as práticas leitoras dos alunos do Ensino Fundamental; construir paralelos diferenciais entre a leitura ensinada na escola e conhecer a leitura que se faz fora da escola.

No quarto capítulo trazemos a revisão de literatura, com os principais teóricos da leitura como Chartier, Kleiman, Rangel, Martins, Jouve etc. Em seguida introduzimos uma perspectiva sobre o ensino da leitura no Brasil, seguida pelo significado da leitura, que é entendido como uma técnica que vai além de decodificação dos signos lingüísticos, passando pela aquisição de conhecimentos através da construção de sentidos e significados. Dando prosseguimento dispomos o progresso cronológico da história da leitura na escola brasileira explicada por partes: a escrita, a tecnologia e as instituições, para em seguida explanarmos sobre a leitura infantil no desenvolvimento da criança e a contação de histórias como compreensão do mundo e condição básica do ser humano, no que diz respeito a aprendizagem e desenvolvimento das praticas leitoras.

1.2 Em seguida a revisão de literatura evidencia a importância da leitura para o processo ensino-aprendizagem. Para essa compreensão relatamos os fatores da leitura no desenvolvimento das crianças por proporcionar maior liberdade, fator determinante na escola, transmitindo cultura, expandindo a memória, estimulando a produção da escrita, determinando os processos dos pensamentos e os fatores que envolvem a aprendizagem da leitura, tais como: fatores físicos, fisiológicos, sociais, emocionais, culturais, cognitivos e lingüísticos. Seguido pelo papel da escola na aprendizagem da leitura e finalizando, o capítulo quatro explica ainda a importância da biblioteca escolar na aquisição do conhecimento por meio da promoção da leitura recreativa.

No quinto capítulo descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa e a análise dos dados é descrita no sexto capítulo, onde colocamos nosso olhar sobre o caso estudado, para finalmente nas considerações finais, nos colocarmos quanto ao universo observado e fazermos nossas observações.

1.2 JUSTIFICATIVA: PROBLEMA E HIPÓTESE

A dicotomia existente entre a leitura dentro da escola e a leitura fora da escola, parte do pressuposto que à primeira trata-se da reprodução de moldes escolares apresentados pelos livros didáticos. E em relação à segunda mantém uma espécie de silêncio quanto à leitura de mundo e as experiências anteriores do leitor. A leitura que ocorre fora da escola não consegue na maioria das vezes penetrar no espaço ocupado pela leitura dentro da escola. Pelo principal fato da escola não disponibilizar um espaço específico para que se produza leitura.

Para que isso aconteça a escola deve adotar ações culturais para promover e estimular um tipo de leitura nos alunos. Tais como o dia da leitura diversificado, onde os alunos escolhem por conta própria o livro que vai ler, sinopses de livros divulgados nas salas de aula por parte dos professores, visitas uma vez por semana em bibliotecas públicas e entre outros.

Com isso buscando o gosto pelas práticas leitoras, desenvolvendo a compreensão do aluno frente aos diferentes gêneros literários e os professores neste processo, atuam como mediadores entre o leitor e o texto.

A leitura dos livros didáticos está ainda muito distante do que se pretende em termos de aprendizagem de leitura na escola. Na maioria das vezes isto se deve ao fato de que os educadores não estão devidamente preparados para essa grande responsabilidade e muito menos lhe dar com ela em sala de aula.

Nossa hipótese se baseia nas práticas leitoras reproduzidas pela escola que são diferentes daquela que é autorizada pelos mecanismos educacionais, partindo do pressuposto uma não leva em conta a leitura de mundo e as experiências anteriores do leitor – aluno e a outra reproduz moldes escolares apresentados pelos livros didáticos, e que essas são ainda, diferentes daquela leitura que se processa fora da escola, que se caracteriza pelo que o aluno realmente lê e gosta de ler.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No Brasil, a partir de meados das décadas de 1970 foi introduzido uma nova perspectiva sobre o ensino da língua, como um meio de detectar e minimizar os problemas até então apresentados. Para isto, foram propostos novos caminhos que compreendiam ações e reações psicolinguísticas vivenciadas pelo leitor durante o ato de ler, além dos mecanismos lingüísticos, fonológicos, pragmáticos, semânticos e psicológicos oriundos do próprio processo de aquisição da leitura.

Sobre isto Kleiman (2000, p.10) diz que “ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados”.

Kleiman (2000, p. 12) defende ainda a idéia de que,

leitura é um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico, sociocultural, enciclopédico. Sua utilização requer a mobilização e a interação de diversos níveis de conhecimento, o que exige operações cognitivas de ordem superior, inacessíveis à observação e demonstração, como a inferência, a evocação, a analogia, a síntese e a análise que, conjuntamente, abrangem a linguagem, a compreensão, a memória.”

Dessa forma, de acordo com Rangel (2005, p. 17):

Quando se pensa em leitura, são estas as habilidades consideradas importantes na formação do leitor, em função de entender os comportamentos e processos de aprendizagem no leitor e escritor proficientes para objetivá-los como meta a ser alcançada.

A leitura é uma técnica que envolve níveis para a aquisição de conhecimento. De acordo com Martins (1984), esses níveis são chamados de sensorial, emocional e racional. Portanto, ler deve ser entendido como um ato que envolve a construção de sentidos e significados e não se limita apenas a decodificação dos signos lingüísticos, requer uma interação dinâmica entre leitor, texto e sentido. Podemos afirmar baseado em Jouve (2002), que a leitura é um processo complexo que implica na construção de sentidos, por envolver

processos de percepção, memória, inferência, dedução, processamento e análise, ou seja, a leitura é uma atividade cognitiva por excelência. Isto implica dizer neste processo o leitor desempenha papel ativo, e que as inferências são uma relevante etapa, por promover uma interação recíproca entre leitor e texto.

Conforme Leahy (1999, p. 89)

[...] ler literatura, principalmente no ambiente escolar, implica não apenas uma variedade de técnicas e modos de ler, mas, antes de mais nada, requer de leitores um estado de atenção permanente aos significados das entrelinhas. De forma ideal, esse estado de atenção deveria ser criado, no caso de pequenos leitores, através do prazer e da brincadeira. O prazer pode ser um fator importante de mediação entre texto e leitor, levando gradualmente à reflexão crítica.

Entendemos que o ambiente escolar é o lugar de construção da leitura e as séries iniciais é o momento da inserção do aluno ao mundo letrado e conseqüentemente da leitura. Será através das práticas leitoras durante essa fase que o aluno poderá ser capaz de inserir-se na sociedade enquanto sujeito reflexivo, uma vez que a leitura proporciona questionamentos e aquisição de conhecimentos.

A leitura seja ela em qualquer universo, “popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentidos” (GOULEMOT, 1996, p. 107), e “a escola como detentora histórica da responsabilidade do aprender a ler e escrever” (CARVALHO, 2007, p. 225).

2.1 O SIGNIFICADO DA LEITURA

A leitura não é só uma simples apropriação dos signos escritos, envolve um domínio de um conjunto de práticas culturais sobre a compreensão do mundo, visão crítica e conhecimento prévio. A leitura desenvolve um papel muito significativo na sociedade, que cria até novas identidades, formas diversas de inserir socialmente, modos de pensar e agir.

Para dominar a leitura é preciso uma série de habilidades complexas que exigem desenvolvimento cognitivo, lógico, racional e indutivo. Muitas crianças conseguem desenvolver fora da escola, porém a maioria necessita da

escola para realizar essa tarefa. Por isso é direito universal o acesso direto e de todos à leitura.

Segundo Morais (2004, p. 14) a leitura envolve em primeiro lugar, a identificação dos símbolos impressos - letras e palavras - e o relacionamento destes com os seus respectivos sons. No início do processo de aprender a ler, a criança começa a identificar pela visão de cada letra, relacionando diariamente os símbolos gráficos com seu som. Esse processo é onde a criança começa a visualizar os símbolos, associa entre a palavra impressa e o som, o que chamamos de decodificação.

Porém, para que ocorra leitura não é necessário somente decodificar os símbolos, mas compreendê-los e ter um senso crítico do que está sendo lido. E quando isso não acontece, a leitura não se torna interessante muito menos proporciona prazer e motiva a ler outros tipos de textos.

Jouve (2002, p. 21) afirma que a leitura "é uma atividade de várias facetas", envolvendo vários processos, tais como: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo, simbólico. Ele diz ainda que, o ato de leitura é um ato solitário e o processo de leitura adotado depende do nosso objetivo com o texto.

Os processos da leitura de que fala Jouve (2002), são assim descritas:

Neurofisiológico: A leitura antes de tudo é um ato concreto, ou seja, é possível observar as faculdades do ser humano. Onde é realizada uma análise do conteúdo, um tipo de operação para perceber, identificar, memorizar, antecipar, estrutura e interpretação dos signos.

Cognitivo: Depois que o leitor identifica os signos começa a compreender o que o texto trata.

Roland Barthes (1973, p. 22) descreve os dois processos de leitura,

Uma vai direto para as articulações da história, **considerada extensão do texto**, ignora os jogos de linguagem (se leio Julio Verne, vou rápido: perco algo do algo do discurso, e, entretanto minha leitura não é atraída por nenhuma perda verdadeira - no sentido que essa palavra pode ter em espeleologia); a outra leitura não deixa passar nada; ela pesa, gruda ao texto, lê, se assim se pode dizer, com aplicação e ânimo, enxerga em cada ponto do texto assindeto que conta as linguagens - e não a história: não é a extensão (lógica) que a cativa, o desfolhamento das verdades, mas o folhear do **sentido**. (grifos nossos)

No caso, a leitura exige competência, onde o texto testa o conhecimento do leitor como meio fundamental para que este mesmo possa prosseguir na leitura.

Afetivo: Esse processo de leitura provém na maioria das vezes das emoções que o texto causa ao leitor. Deixar-se envolver pelo que está lendo, envolvendo-se profundamente na história ou no fato que relata.

Argumentativo: É a análise que o leitor faz do texto, onde a argumentação está ligada nitidamente em romances de tese. Qualquer tipo de texto é sempre interpelado de forma para assumir ou não para si mesmo o estudo realizado.

Simbólico: É o sentido que o leitor retira sobre o que leu. A leitura assume uma dimensão simbólica no imaginário em grupo que não os aceita.

O sentido no contexto de cada leitura é valorizado perante os outros objetos do mundo com os quais o leitor tem uma relação. O sentido fixa-se no plano do imaginário de cada um, mas encontra, em virtude do caráter forçosamente coletivo de sua formação, outros imaginários existentes, aquele que divide com os outros membros de seu grupo ou de sua sociedade.

A leitura é de interesse cultural da sociedade e quando só ocorre a decodificação dos signos e não se compreende que leu, não podemos afirmar que houve leitura.

“Assim ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois entende-se como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas”. (MASINI; MAIA, 1998, p. 75).

O que significa dizer que para entendermos a leitura como prática social, precisamos entender o homem e seu meio, suas atividades perante a sociedade e principalmente seu papel social. A necessidade de comunicação oriunda da condição humana permite ao homem interagir com seus semelhantes, isto pode acontecer através da leitura propriamente dita, ou através do que chamamos de leitura de mundo. A comunicação, atividade incessante do homem social pode dar-se através de textos verbais ou não verbais.

Dessa forma afirmamos veementemente que a leitura, seja ela do texto escrito ou não, faz parte do processo de comunicação do homem e é tão necessária a ele, quanto sua própria condição de homem social.

2.1.1 A História da Leitura na Escola

O relato sobre o progresso cronológico das obras escritas foi primeiro a existência da escrita propriamente dita, aceitável pela sociedade, como um dos meios de comunicação. Com o passar do tempo e a invenção da imprensa a leitura se popularizou, possibilitando o acesso à escrita a população, e mais tarde com o surgimento da escola e da incorporação de seu papel social perante a leitura, ela se institucionaliza ao mesmo tempo em que educadores se questionam sobre sua principal função, se de decodificadora das letras ou alfabetizadora do indivíduo.

No Brasil, a criação da Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas¹ e com o lançamento do Programa Fome de Livro², que entre suas metas culminou com um aumento em 50% do índice de leitura no Brasil. Para essa meta continuar aumentando, o governo promete incentivar editoras e as livrarias na distribuição gratuita de livros nas escolas públicas e campanhas publicitárias na tv, rádio e jornais. Essa mobilização da leitura e do livro é muito importante e urgente, pois a leitura é mais do que um instrumento utilizado nas escolas. De fato que não há nenhuma cidadania plena sem a prática da leitura e o ato de ler tanto na escola quanto fora dela é uma maneira de inserir-se na sociedade letrada.

¹ PNLL é um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro. <http://www.pnll.gov.br/> -

² Programa nacional de biblioteca pública e leitura que forma, ao lado da Política do Livro, um dos vértices dessa visão de Políticas Públicas do Livro, da Leitura e de Biblioteca Pública para o Brasil, cuja responsabilidade, no âmbito do Ministério da Cultura, é atribuída à Fundação Biblioteca Nacional.

Podemos dividir a história da leitura na escola em três partes, que se entrelaçam e se associam formando um complexo em favor da educação: a escrita, a tecnologia e as instituições.

A escrita: A leitura e a escrita são constituídas no decorrer da vida escolar, devendo ser respeitada a individualidade de cada aluno em relação ao desenvolvimento intelectual, é importante o incentivo da narração pessoal, a escolha de ler ou ouvir.

Transformou-se com o passar do tempo, facilitando a socialização do aluno através do conhecimento escrito associado às vivências pessoais de cada um. Atualmente a escola valoriza a realidade de cada aluno individualmente e globalmente como ser social, facilitando assim sua inserção às práticas leitoras.

A Tecnologia: A escrita foi fixada em meio físico permanente, teve variações com o tempo, registradas ao longo da história das civilizações, através do barro, das tabuletas de argila, do papiro, do pergaminho e finalmente do papel. Hoje, devido aos avanços tecnológicos a forma de armazenar e transportar a escrita se modificou os livros eletrônicos, os disquetes, CDs, DVDs e outros.

As instituições: As escolas atuam na sociedade e os atores principais são os professores, que por sua vez devem estar preparados para exercer com gosto a sua profissão.

A escola se constitui em um espaço de produção da aprendizagem e como tal deve valorizar e consolidar a leitura tanto dentro quanto fora da instituição.

2.1.2 A Leitura Infantil e a Contação de Histórias

A leitura infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança. Ela inicia-se na família e aperfeiçoa-se na escola, e conseqüentemente prevalece pela vida inteira. No decorrer dos anos, a educação vem se preocupando em formar futuros indivíduos críticos responsáveis e atuantes na sociedade. Tudo isso ocorre porque vivemos em uma sociedade que as trocas sociais são constantes e rápidas, sejam por meio da prática da leitura, da escrita, da

comunicação ou até mesmo visuais. É importante ressaltar que a curiosidade e o exemplo são dois fatores contribuintes para despertar na criança o gosto pela leitura.

As leituras de mundo são informadas por várias perspectivas tais como: religiosa, moral, sobrenatural, intuitiva, filosófico, ideológica ou científica. As diferentes perspectivas levam diretamente a diversas leituras. Mas nem toda leitura de mundo é realizada corretamente e aquelas leituras equivocadas podem até levar os desastres, por exemplo, políticos, quando superestimam suas chances de ganhar. Alguns alunos chegam às escolas com leituras equivocadas sobre o universo, natureza, corpo humano ou da sociedade em que está inserido. Literatura e as visões de mundo afetam o próprio modo de identificar os fenômenos que são analisados e os conhecimentos a serem adquiridos.

Segundo Lajolo e Zilbermann (2002, p, 25), “a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo.”

Isto significa que a escola tem uma forte influência na construção das práticas leitoras nas crianças. E a literatura infantil foi ganhando espaço com o passar dos anos e mais autores foram aparecendo, como por exemplo, Ruth Rocha, Ricardo Azevedo, Eva Furnari etc.

Podemos dizer que é através de uma história que a criança pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ótica.

A criança que tem contato mais cedo com os livros percebe o prazer produzido pela leitura, com isso será mais provável ser um adulto leitor assíduo e crítico. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Desta forma, Coelho (2002, p. 11) afirma que a leitura, no sentido de compreensão do mundo é condição básica do ser humano.

Por isso que o ser humano é o único do universo que busca permanentemente o conhecimento. E aprender é tão fundamental, natural e inevitável como respirar. Com isso a leitura é um processo onde o leitor compreende o que esta lendo. E por meio da prática da literatura infantil, as crianças conseguem interagir socialmente. Um exemplo disso é a contação de

histórias, que reproduz no imaginário das crianças e jovens que a escutam o significado e o sentido da leitura para cada um deles, se processando assim no verdadeiro ato de ler.

De acordo com Sandroni e Machado (2000, p.12) “a criança percebe desde cedo, que o livro é uma coisa boa, que dar prazer”. A criança tem seu primeiro contato com o texto, quando alguém conta alguma história. Principalmente a sua própria história, como nasceu, relatos da família ou com alguém especial da família. Quando cresce, começa a escolher suas próprias histórias que vai ouvir ou alguma parte que gosta mais.

Aos poucos ocorre um laço afetivo entre o contador das histórias e a criança. Com a mudança de idade, o interesse pelas histórias vai mudando de histórias sobre conto de fadas ou contos infantis para poemas ou livros de aventura, ficção, suspense e romance. Envolvendo o real com o imaginário que segundo Sandroni e Machado (2000, p. 15) “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

No caso das crianças que já sabem ler mesmo assim é importante contar histórias, de acordo com Abramovich (1997, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente nessa relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Para as crianças maiores é fundamental que escutem as histórias, pois aprimora a imaginação, estimula o raciocínio, a escrita, o inventar, desenhar e recriar.

Em um mundo atualmente tecnológico, as informações estão cada vez mais disponíveis, se a criança não souber suscitar a sua imaginação. O futuro dessa criança será incerto e se tornara em um adulto sem criatividade, senso crítico próprio e muito menos não vai ter sensibilidade ao entender o que acontece ao seu redor.

Ainda segundo Sandroni e Machado (2000, p.16) “o amor pelos livros não é coisa que aparece de repente”. Precisa ser cultivado, e é neste ponto que chegamos a principal função da escola no que diz respeito ao ensino da leitura.

Coelho (2002, p. 35) nos diz que os livros de conto de fadas, “devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o

querer, o sentir". E a escola deve utilizar esse tipo de texto para estimular nas crianças as práticas leitoras.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Alliende e Condemarín (2005, p. 12) baseando-se em alguns resultados de pesquisas realizadas no Chile, sobre o papel fundamental que a leitura desempenha no decorrer do desenvolvimento do ser humano, sobretudo as crianças, constatou duas evidências:

A leitura mantém uma função importante no mundo atual e tem vantagens claras sobre os meios de comunicação de massa baseados na imagem e na palavra oral. É necessário e possível tomar uma série de medidas para superar a crise e permitir que nossos estudantes não se vejam privados de um meio fundamental para o seu desenvolvimento, como é a leitura.

Ainda segundo Alliende e Condemarín (2005, p. 12) existem algumas razões que justificam a importância da leitura, apesar da abrasiva inserção dos meios de comunicação junto aos jovens e crianças. Essas razões são a liberdade que envolve o ato de ler, a leitura é um fator determinante para o êxito escolar, permite a articulação de conteúdos culturais, expande a memória, estimula a produção de textos e determina processos de pensamento.

A predominância da liberdade: o leitor é livre para escolher o que ler, onde ler, o tempo que dedicará etc. Essa escolha poderá ser de acordo com suas necessidades e gostos pessoais. A liberdade experimentada no ato da leitura permite ao leitor estabelecer seu próprio ritmo. A leitura é dessa forma flexível, possibilitando ao leitor um posicionamento crítico diante da informação recebida, ao contrário do que acontece com outros meio de comunicação como o rádio ou a televisão.

Nos outros meios, pelo contrário, prevalece a imposição. O rádio e a televisão oferecem uma variedade limitada de programas, escolhidos com critério comercial ou razões de gosto massivo, em horários predeterminados. Os conteúdos geralmente são apresentados com uma simplificação necessária ao consumo massivo, o que impede satisfazer adequadamente as necessidades pessoais. Por outro lado, na televisão, as imagens se movem rapidamente com um ritmo ou velocidade que não leva em conta se o receptor quer se deter para

pensar, voltar atrás, ou omitir passagens que considere óbvias ou desagradáveis. (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005, p. 13)

Assim a liberdade proporcionada pela leitura supera a imagem ou o som proporcionado pelos meios de comunicação de massa.

Fator determinante na escola: por ser uma atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento de exercício das outras etapas do currículo, a leitura proporciona ao aluno alcançar ou o êxito ou o fracasso escolar. Segundo Allende e Condemarín (2005, p. 13) “[...] a eficiência na leitura se relaciona de forma íntima co o êxito escolar”.

Como o ato de ler estimula e enriquece o intelecto, a leitura realizada na escola, para fins didáticos antecipa os conteúdos, ajudando o aluno a formalizar suas próprias hipóteses, estabelece relações, críticas, permitindo a máxima organização da informação e refletindo no rendimento escolar e conseqüentemente a falta de leitura pode com toda a certeza resultar no fracasso escolar da mesma forma que a sua continuidade pode resultar no êxito na escola.

Articulação dos conteúdos culturais: a leitura é um meio de transmissão da cultura. Na maioria das vezes, o texto escrito, oferece uma seqüência articulada do começo ao fim, pois se caracteriza pela permanência, as relações entre as partes dos textos podem ser feitas por confrontação.

Expansão da memória: vivemos em uma cultura oralizada e utilizamos técnicas mnemônicas para reter a informação em uma memória de longo prazo. A leitura é um poderoso recurso para tornar possível a ampliação da memória humana.

O estímulo a produção de textos: Allende e Condemarín (2005, p. 15) afirmam que a “referência à produção de textos implica focalizar a leitura e a escrita como processos interativos centrados no significado”. Isto com toda a certeza modifica a ideia tradicional que separava a leitura como um processo de decodificação e a escrita como um processo de codificação.

Portanto,

Ao relacioná-las em torno da meta de construir significado, ambas se realimentam estreitamente: a leitura de diferentes gêneros literários

estimula a necessidade de criá-los, e a escrita estimula a necessidade de lê-los. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 16)

Dessa forma, podemos entender que a leitura e a escrita estão intimamente ligadas, mutuamente apoiadas e mantêm um profundo envolvimento com o pensamento. Ao mesmo tempo que a leitura de textos variados melhora a escrita, a produção de textos favorece a compreensão da leitura.

Determinação de processos do pensamento: ao ser vista como determinante de processos de pensamento a leitura cumpre sua importante função social, uma vez que a correlação que existe entre as práticas leitoras e o desenvolvimento social e cultural dos povos capacita-a no sentido de formalizar as estruturas do pensamento do indivíduo tornando-o crítico.

2.3 FATORES ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

As funções básicas da linguagem com relação a leitura são três: apelativa, expressiva e representativa. Elas assumem modalidades próprias na leitura e a partir delas podemos entender sua importância para a vida tanto pessoal, como social e é claro seu papel na escola.

De acordo com Halliday (1975 apud ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 17):

A partir de certas funções de tipo normativo, interacional, instrumental, pessoal, imaginativo, informativo e heurístico, que se encontram na linguagem oral, podem-se estabelecer também, correlativamente, as funções da linguagem escrita e comprovar, assim, a sua importância.

Quando o leitor reconhece e decifra os signos, depois quer compreender o que o texto trata. O falar repetitivo das palavras individual e em grupos, faz com que sejam mais rápido abstraídos.

Por isso a leitura é uma técnica que envolve três níveis para a aquisição de conhecimento (MARTINS, 1984), chamados de sensorial, emocional e racional. Pois ler não é apenas decodificar as letras, necessita que o autor, texto e leitor interajam. Quando somos crianças, passamos por esses

níveis onde o leitor mirim para ler utiliza os cinco sentidos: visão, audição, tato, paladar e olfato. A visão é usada ao escolher aquele livro que chama mais atenção, por ser colorido e com figuras ilustrativas na capa. A audição quando escuta alguém falar bem de um livro que já leu e recomenda você ler. O tato, ao pegar o livro sente seu formato. O paladar, ao estar lendo dependendo do assunto que o livro trata dar para sentir o gosto transmitido pelas letras. O olfato, você ao folhear o livro sente seu cheirinho específico.

Esta etapa é classificada como **nível sensorial** que a criança usa os sentidos para ler. O **nível emocional** está ligado às emoções, sejam elas de alegrias, tristezas, dor, raiva, desprezo etc. É o tipo de leitura que desperta essas emoções. Já o **nível racional** é o lado intelectual do leitor. Que ao realizar uma leitura este mesmo questiona, tem um senso crítico sobre o assunto.

2.3.1 Fatores Físicos e Fisiológicos

Alguns resultados de pesquisas descritas por pesquisadores internacionais estabelecem relações entre os fatores físicos e fisiológicos para o êxito da aprendizagem da leitura. Esses estudos apontam a idade adequada para o ensino e isto repercute no sistema escolar.

Este fator compreende além da idade cronológica; questões de gênero - "há um consenso de que as meninas estão prontas para iniciar a aprendizagem da leitura mais cedo do que os meninos" (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005, p. 26) - e aspectos sensoriais, que diz respeito a problemas de visão ou audição que podem alterar a percepção das palavras escritas ou faladas e repercutir na aprendizagem.

A leitura é um processo cognitivo realizado por meio das funções estruturais e fatores co-relacionados, que atuam na representação de imagens do mundo em que vivemos. Essa representação é ligada a um determinado conhecimento referente a um específico objeto ou situação, constituindo-se em um conjunto de saber, que chamamos de consciência ou raciocínio.

Para se estabelecer esse processo cognitivo na aprendizagem da leitura nos baseamos nos reflexos sensoriais, na representação do

pensamento, e lembranças do passado, que conforme Martins (1984) são os três níveis de leitura: sensorial, racional e emocional respectivamente. A associação desses níveis é um processo mental, que atua na avaliação, simplifica e permite a comunicação do aluno através da abstração.

2.3.2 Fatores Sociais, Emocionais e Culturais

Esses fatores influenciam diretamente na personalidade da criança e fazem com que variem de uma para outra, uma vez que esses fatores determinam a maturidade social. A capacidade da criança de trabalhar e interagir em grupo, o que implica em uma série de habilidades, e é este aspecto que chamamos de maturidade social e emocional da criança.

Ainda segundo Allende e Condemarín (2005, p. 29), “Os fatores socioeconômicos e culturais constituem uma constante que afeta a aprendizagem da leitura e a aprendizagem em geral, em suas etapas iniciais e ao longo de toda a escolaridade”. Esses fatores afetam na fase inicial a motivação, o interesse e a familiarização com a linguagem escrita, já nas etapas mais avançadas do processo escolar, afetam o nível de experiência, que se repercute no que chamamos de conhecimento prévio.

O meio em que o aluno vive e a família determinam o nível de estimulação lingüística, isto significa que “as atitudes frente à leitura, os modelos de imitação das condutas de leitura, os sistemas de prêmio ou desaprovação pelas realizações alcançadas também são recursos da família” (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 29).

2.3.3 Fatores Perceptivos

A percepção é considerada um processo dinâmico, pois envolve o reconhecimento e a interpretação do estímulo que varia de acordo com o conhecimento prévio de cada aluno. Ela se constitui em um processo ativo no qual os padrões espaciais e temporais, juntamente com os impulsos nervosos originados dos órgãos sensoriais, como visão, audição, olfato e tato, são confrontados no cérebro com os traços de memória de excitação semelhantes

às experimentadas anteriormente, no decorrer de sua vida, o resultado disso é a identificação de algo significativo. Ou seja, é a atribuição de sentidos (CHARTIER, 1999) propriamente dita.

É importante salientar que a percepção depende de aprendizagens específicas e da experiência do aluno leitor, para que se processe como prática leitora.

2.3.4 Fatores Cognitivos

A inteligência e as habilidades mentais específicas, como por exemplo, a memória, são os fatores cognitivos que mais se relacionam com a preparação para a aprendizagem da leitura.

Podemos dizer que a atenção e a memória estão intrinsecamente relacionadas, e que são um pré-requisito para a aprendizagem. São os mecanismos da atenção que determinam e selecionam quais os atributos dos estímulos sensoriais que serão processados e armazenados na memória.

Atkinson e Shiffrin (1968 apud ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 37) afirmam que para entender o processo de leitura é necessário também destacar suas principais fases componentes: **o armazenamento sensorial**, descrito algumas vezes como imagem visual que é retido ao iniciar as operações de processamento da informação; **a memória de curto prazo**, que tem como função facilitar a lembrança da informação apenas durante alguns breves períodos e armazená-las de forma permanente; e **a memória de longo prazo**, que não tem limite de armazenamento e pode manter a informação de maneira indefinida.

Para que se dê o processamento da leitura é necessário o funcionamento dessas três fases da memória.

2.3.5 Fatores Lingüísticos

Este fator se caracteriza pelo grau em que a criança maneja as habilidades da comunicação e determina em grande parte a sua disposição para enfrentar as atividades escolares.

Pesquisadores como Mattingly e Liberman (1990 apud ROAZZI; CARVALHO, 1995) afirmam que a aquisição da leitura requer também uma estrutura interna de linguagem pessoal e que seja explicitada conscientemente, o que eles chamam de consciência lingüística.

A linguagem e o desenvolvimento cognitivo são interdependentes e a maior parte do pensamento ocorre em forma de linguagem, o que faz com que não seja fácil diferenciar os fatores lingüísticos e cognitivos. Entretanto, conforme Alliende e Condemarín (2005, p. 39).

[...] para favorecer o rendimento na leitura se deve dar atenção ao desenvolvimento lingüístico, porque a realidade é percebida à medida que se conta com as distinções lingüísticas, que as identifica e a verbaliza.

A consciência lingüística deve manter consonância com a consciência fonológica, que se refere à habilidade metalingüística que permite às crianças refletir sobre as características da linguagem. Ela equipa as crianças com entendimento suficiente para o entendimento da estrutura sonora com base na exposição à linguagem impressa e no ensino direto as relações entre as letras e os sons.

2.4 O PAPEL DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Assim através da leitura adquirimos experiência, pois de um modo ou outro com o tempo o texto envolve o leitor. Portanto, ler nunca é uma atividade neutra e o leitor não só retira do texto um sentido, mas atribui a ele um significado, dá sentido.

A escola trabalha diretamente com a leitura e a formação de leitores e rende esforços naquilo que chama de "gosto pela leitura". Entretanto, isto não se processa num passe de mágica. A escola trava uma verdadeira luta com os estímulos e desestímulos com os quais (MAGNANI, 1994) convivem os próprios professores e alunos.

A leitura trabalhada na escola é a base de textos retirada dos livros didáticos, colocados em prática na sala de aula. Esse livro didático traz uma espécie de trilha a ser seguida, que as vezes pode ocorrer na não observância

dos objetivos da aula. Porém, o entendimento desse tipo de obra possibilita aos alunos um senso crítico mais elevado do que ler.

Ler para compreender os textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade - esta a finalidade básica que estabelecemos para as práticas de leitura na escola. Está aí implícita a idéia de que os professores lançam mão de determinados textos, produzidos por determinados autores, para instigar e esmerar a compreensão, a crítica e o posicionamento dos seus alunos. (SILVA, 2000, p.70).

No que diz respeito aos mestres da educação na grande tarefa de fazer com que os alunos se interessem é sem dúvida um desafio. Devido à situação financeira e até mesmo histórica da própria sociedade. Para quebrar esse paradigma os professores devem está devidamente preparado para enfrentar essa questão. Os motivos para ensinar a ler é exatamente disseminar o conhecimento por meio dos livros. A leitura tem que ser trabalhada nas escolas com mais ênfase para atingir esse objetivo anteriormente citado.

Os professores precisam desenvolver uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. E mais: precisam conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia. Essa entidade e esse conhecimento exigem que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o testemunho vivo de convivência com os textos ao nível da docência não existe como alimentar a leitura junto aos alunos. (SILVA, 2000, p. 63).

A leitura devidamente colocada em prática na escola faz com que o conhecimento seja corretamente disseminado e difundido por parte dos alunos diariamente na sala de aula. Porém essa tarefa deve ser mais colocada em prática nas escolas, fazendo com que os alunos optem por outros tipos de leitura. Aquela que efetivamente desperte um senso critico no aluno.

Tenho afirmado que as práticas de leitura escolar, não nascem do acaso nem do autoritarismo ao nível da tarefa, mas sim de uma outra programação envolvendo e devidamente planejada, que incorpore, no seu projeto de execução, as necessidades, as inquietações e os desejos de alunos-leitores. Simplesmente 'mandar o aluno ler' é bem diferente do que envolvê-los significativa e democraticamente nas situações de leitura, a partir de temas culminantes. (SILVA, 2000, p. 65).

2.2.1 A leitura recreativa, também conhecida como independente

A leitura recreativa, também conhecida como independente é aquele tipo de leitura que o aluno faz por livre arbítrio. Ocorre uma escolha pessoal por parte do leitor sobre o que vai ler, quando e onde vai realizar esse ato. Esse tipo de leitura é feita na maioria das vezes para se obter informação ou simplesmente por prazer. Principalmente acontece nas escolas públicas, pelo fato da carência de diversidade em busca da autonomia do conhecimento.

Conforme Cagliari (1997, p. 148), “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas” e “uma herança maior do que qualquer diploma”. E completa que “ler é um processo de descoberta, como um saber científico” (CAGLIARI, 1997, p. 149).

Cagliari (1997, p. 116) defende que o “processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos, porém deve ser ensinado”

A leitura está mais freqüente na vida das pessoas, pois as escolas não ensinam aos seus alunos a lerem para somente para a escola, mas para o mundo. Juntamente com o educador e uma prática pedagógica eficiente, faz com que o aluno não só se interesse pela aula, mas também faça com que seu nível intelectual e lingüístico se eleve, motivando estes mesmo ao alcance da satisfação sobre o que esta lendo.

Em relação à compreensão textual, deve ser contínua, uma vez que o aluno não vai compreendê-lo de um dia para o outro, e varia de aluno para aluno o raciocínio lógico do texto. Por isso é necessário tempo, paciência e incentivo do professor para ensinar à esses leitores mirins. Fazendo com que a partir de cada leitura tenha um avanço satisfatório, contribuindo para o prazer e a realização pessoal de cada aluno.

As leituras de que os alunos gostam podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão análise e comparação com os outros textos (inclusive os produzidos pelos alunos), articulados aos objetivos didáticos pedagógicos da série. (MAGNANI. 1994, p. 103).

No contexto da educação, a leitura é um ato crítico e com significado que cada vez mais vem ganhando espaço na escola. Cabe a escola envolver os alunos á atividades de leitura mútua que promova interdisciplinaridade e fazendo com que os alunos tenham capacidade de ler qualquer tipo de texto.

2.2.1 A Importância da Biblioteca Escolar Para a Aprendizagem da Leitura

A biblioteca escolar desempenha um papel fundamental na sociedade, oferecendo aos alunos um espaço democrático, onde a interação entre os usuários e as informações é o diferencial.

Para Ribeiro (1994, p. 61):

"a biblioteca possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educadores, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também, de apoio informacional ao pessoal docente [...]".

Para isso é importante que desenvolva dois objetivos: a primeira é relativo à difusão do conhecimento por meio de atividades educativas oferecidas aos alunos dentro da própria biblioteca e a segunda é em relação de estimular culturalmente estes indivíduos com a realização de atividades ligadas a cultura e religiosidade local.

Castrillon (apud MAYRINK, 1991, p. 304) conceitua a biblioteca escolar como "uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional [...]". Sendo assim, podemos afirmar que a biblioteca escolar faz parte do sistema educativo e deve participar integralmente das atividades, objetivos e metas das escolas.

As bibliotecas escolares se transformam em um centro ativo da aprendizagem, por auxiliar os alunos nas atividades escolares e ao mesmo tempo proporcionar lazer. Os livros fazem mais do que ensinam, trazem lições para um mundo melhor e estaticamente o brasileiro lê cerca de dois livros por ano, por isso o único patrimônio que ninguém tira do ser humano é o próprio conhecimento.

E isto não é diferente quando o assunto é a aprendizagem da leitura. A biblioteca fica de lado, apenas abriga os livros na sua maioria didáticos e os chamados paradidáticos, que não fazem ou quase não fazem parte do dia-a-dia do aluno na escola, no que diz respeito a aprendizagem e estímulo à leitura.

Porém de um modo geral, aprendemos que a biblioteca escolar estimula o hábito da leitura nas crianças, permite a criatividade, comunicação, lazer e aprendizagem. Tornando-se um elo entre os alunos e a escola para adquirir conhecimento. Assim, cumprem o papel de estimular os alunos para a leitura e favorecem para a criação de um espaço de aprendizagem.

Todavia, o que assistimos é a utilização do livro didático, que não permite aos alunos uma interação entre o conhecimento adquirido na vida e o dos livros. Isto vem repercutir na ausência de leitura recreativa, tornando-se assim, uma leitura exigida, autoritária e conseqüentemente sem nenhum atrativo para os alunos.

A interação entre a biblioteca, os livros e alunos, devem ser baseados nos materiais bibliográficos adequados e de bom estado para serem manuseados na escola, todos integrados para cumprir a função da leitura nas escolas que é exatamente formar cidadãos responsáveis. Assim, a biblioteca é um elo que une alunos e professores, como uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem que faz parte do processo educativo. E devem contar também com profissionais bibliotecários igualmente motivados e preparados

Sobre o bibliotecário escolar Silveira (1996, p. 12) diz que

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento lingüístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que muitas vezes deve ir ao encontro dele.

O bibliotecário escolar atua como educador na maioria das vezes ao desempenhar seu trabalho, uma vez que a biblioteca escolar é local de aprendizagem. Sobre o gosto da leitura na escola é promovido à ampliação do repertório do próprio aluno em questão apresentando vários gêneros textuais de ensinar a ler com prazer. Respeitando as escolhas dos jovens, mediante a disponibilidade dos livros na biblioteca. Fazendo com que a disseminação da leitura desenvolva na educação e se torne um sistema coletivo de ensino.

Sanches Neto (1998, p. 2.), acredita que,

o papel da escola é criar estruturas, através de uma biblioteca muito bem equipada, para que o eventual leitor se forme numa relação livre com os livros, fazendo por conta própria as escolhas que lhe forem mais adequadas. Uma destas escolhas é justamente não ler. Não devemos querer transformar todos os leitores profissionais. Isto é uma utopia risível. O fundamental é facultar àquele que é um leitor em potencial as condições para que desenvolva o que traz consigo.

Andrade e Blattman (1998) afirmam que,

A biblioteca é um centro ativo da aprendizagem. Deve ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. A biblioteca escolar deve trabalhar com os professores e alunos e não apenas para eles.

Entretanto, conforme podemos confirmar através da visão de Sanches Neto (1998), “a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser a sua alma”

A biblioteca escolar estimula o hábito da leitura nas crianças, permite a criatividade, comunicação, lazer e aprendizagem. Tornando o eixo entre os alunos e a escola para adquirir conhecimento.

Sem a utilização dos livros por parte dos professores para exercer sua profissão, reflete nos próprios alunos a ausência da leitura recreativa.

Para que esse processo seja exitoso requer a efetiva participação do profissional bibliotecário, que atuará em conjunto com o grupo de professores e os alunos no sentido de transformar o conhecimento adquirido na sala de aula em algo prazeroso.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem como objetivos principais gerar novos conhecimentos, podendo corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. A pesquisa se caracteriza assim como um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve.

Nossa investigação se caracteriza como uma pesquisa exploratória a, com delineamento de estudo de caso como técnica, que segundo Yin (2001) é o delineamento mais adequado para uma investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são facilmente percebidos.

O estudo de caso, de acordo com Gil (2009, p. 54) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Utilizamos ainda a pesquisa bibliográfica, que conforme Cervo et al (2007, p. 60), “qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento do *estado da arte* do tema, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e as contribuições da própria pesquisa.”

Quanto ao universo pesquisado se dará junto aos alunos do 4º e 5º ano da Escola de Ensino Fundamental Isabel da Luz, situada em Juazeiro do Norte, Ceará com amostragem de 20% dos alunos da escola matriculados e assíduos.

A abordagem foi qualitativa, através de estudo de caso, utilizando as técnicas bibliográficas e observação não participante, como forma de ser executado em sala de aula utilizamos o instrumento formulário, como diário de pesquisa.

A observação é chamada por alguns pesquisadores de estudo naturalista ou etnográfico em que o pesquisador freqüenta os locais onde os fenômenos ocorrem naturalmente.

É uma técnica de coleta de dados, que não consiste em apenas ver ou ouvir, mas em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar, elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo como

abordagem qualitativa, podendo ser utilizada na pesquisa conjugada a outras técnicas ou de forma exclusiva.

O grau de participação do observador é muito relevante, bem como a duração das observações, em nossa investigação a observação foi não participante, que de acordo com Richardson (2009, p. 260) “o investigador não toma parte nos conhecimentos objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento.”

Para proceder a coleta de dados elaboramos um roteiro de observação das aulas de Língua Portuguesa, analisamos os planos de aula das professoras e entrevistamos os alunos por meio de questionários. Para registrar as ocorrências da pesquisa e facilitar a análise dos dados. Gil (2009, p. 140) diz que o “processo de coleta de dados no estudo de caso é mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa”, dessa forma, para facilitar este procedimento optamos por um roteiro de observação e pela análise qualitativa.

Tomando como base que (GIL, 2009, p. 142) “o estudo de caso é um delineamento mais flexível que os demais”, realizamos a elaboração de um relatório para caracterizar os dados levantados na observação não participante.

Os resultados com base na abordagem qualitativa serão descritos no próximo capítulo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta etapa da nossa investigação foi necessário descrever através de um relatório de observação os seguintes resultados divididos em dois momentos: no primeiro a observação das aulas de Língua Portuguesa do 4º e 5º Ano "C", da Escola de Ensino Fundamental e Médio Isabel da Luz, localizada à Avenida Ailton Gomes, S/N, Pirajá, e no segundo momento a análise dos Planos de Aula e dos questionários respondidos pelos alunos na sala de aula.

A visita foi realizada no dia 06 de maio de 2010 às 13:00h, com os objetivos de examinar alguns dos elementos do ensino-aprendizagem manuseados para a prática da leitura tanto na escola quanto fora dela.

Na ocasião observamos e analisamos as estratégias e os instrumentos que os professores desempenham no ensino da leitura e escrita em sala de aula e se há a efetivação da aprendizagem.

Na aula de Língua Portuguesa é realizada a correção da tarefa, depois é trabalhada à leitura individual formando um meio círculo na sala de aula. Primeiramente os alunos realizam uma leitura silenciosa, depois individualmente alguns lêem por parágrafos repetitivamente.

Para a aula de leitura é utilizado o Livro Didático e após a leitura do texto, são respondidas atividades, chamada de estudo do texto. Em seguida são trabalhados exercícios de gramática na sala de aula, que neste dia foi: *escrita das palavras*, onde as professoras lêem e explicam várias vezes cada questão a ser respondida por cada aluno. Ainda as professoras fazem a correção na lousa juntamente com os alunos e estes mesmos corrigem nos seus cadernos e uma das atividades de casa é trazer um livro de contos de fadas qualquer, ler em voz alta para os outros colegas e comentar sobre o que entendeu da história.

Nesta ocasião verificamos que as professoras percebem que somente o Livro Didático não satisfaz no que diz respeito ao estímulo às práticas leitoras e optam por trabalhar juntamente com o LD³ o conto de fada na sala de aula.

³ Livro Didático.

Enfim é importante ressaltar que esta análise é apenas no que diz respeito à qualidade dos textos utilizados nas aulas de leitura. Ainda não partirá de nenhuma teoria, mas sim da observação feita pelo pesquisador. Através dos documentos adquiridos durante a realização da pesquisa.

4.1 A LEITURA REALIZADA NA ESCOLA

De acordo com as professoras, o índice da leitura principalmente nestas duas turmas é baixo, por isso é realizado na própria escola reforço escolar para as crianças com dificuldades de ler, com o objetivo de minimizar esta questão. Três vezes ao dia, o aluno é retirado da sala durante a aula para este fim e pelo fato da escola não possuir biblioteca, os alunos de vez em quando utilizam livros infantis para lerem em na sala de aula. Aliás, este é outro fato lamentável, a falta de biblioteca na escola, que impede um trabalho mais eficiente quanto ao estímulo às práticas leitoras.

Uma forma de suprir a falta da biblioteca é a criação de pequenos acervos em salas de aula, para proporcionar entre os alunos a troca de obras literárias. E a pesquisa escolar não fica reduzida somente a internet ou as enciclopédias da biblioteca pública municipal.

Frequentemente, os professores solicitam pesquisas sobre datas comemorativas, etc. Com o objeto de aprenderem e conhecerem a razão de comemorar aquela data e apresentar por meio de gincanas na escola.

Podemos dizer que o nível de aprendizagem não é muito reduzido, apesar do número de alunos e pela faixa etária, acaba dificultando um pouco o trabalho do professor.

Porém apesar do LD ser uma espécie de guia ser seguido, classificamos como satisfatória a tentativa por parte das professoras de inserir outros textos na aula de leitura, como os contos de fadas.

Ora, autores como Chartier (1999), Abreu (2002) e Kato (1985) entendem a leitura como atribuição de sentidos e que este significado é próprio de cada um, uma vez que são levados em conta a bagagem que cada leitor carrega.

Quem corrobora este pensamento é Kleiman (1989, p. 13), dizendo que:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor justamente utiliza diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão

Ou seja é necessário que o professor leve em consideração o conhecimento prévio de cada aluno. A leitura por ser um (LENOTTI, 2004) processo sócio-histórico, cognitivo, interacional, não pode ser vinculada a uma aula que se utiliza apenas um tipo de texto, ou que não considere o aluno, seu conhecimento anterior, seu contexto social etc.

Nesta fase da pesquisa precisamos também realizar uma análise do LD utilizado na E. E. F. M Isabel da Luz, com base no que diz os autores sobre o LD, que é o principal instrumento de adquirir conhecimento em sala de aula.

Para Coracini (1999, p. 34), “O livro didático é ainda a fonte de acesso ao ‘saber institucionalizado’ de que dispõem professores e alunos” e “constitui o centro do processo de ensino-aprendizagem em todos os graus de ensino no cenário atual da educação brasileira”, cabendo, portanto, ressaltar três questões principais que precisam ser urgentemente revistas: a noção de leitura, os critérios adotados e as habilidades trabalhadas.

O entendimento sobre o conceito de leitura, o que é leitura para cada professor e cada aluno, precisa ser bem claro; os critérios adotados nas aulas de leitura precisam ser eficientes e flexíveis, uma vez que, como pessoas que são, os alunos estão sujeitos à mudanças de contexto, de aprendizagem, de ideias etc.; e as habilidades necessitam ser trabalhadas isoladamente para cada aluno, pois as competências também são diferentes para cada um.

Dessa forma, com relação à escolha do LDB pela escola e pelo professor, não se faz suficiente ter um bom material se o professor não tiver consciência da prática pedagógica e das limitações do LD. Se ele não tiver em mente que são necessárias estratégias diferentes e isoladas para cada

situação. O professor deve estar atualizado, ser reflexivo e bem preparado para poder valer-se de um livro ruim e transformá-lo, tornando-o uma ferramenta útil e eficaz em suas aulas.

É interessante ainda compreender os sentidos atribuídos ao livro didático, como a preocupação com o seu conteúdo e aspectos relacionados, considerando as trajetórias escolares e formações profissionais dos docentes que estão diretamente relacionadas a história da educação neste país.

Percebemos que em contrapartida, que muitos dos critérios considerados eliminatórios pela equipe do MEC⁴ não figuram a opinião do professor da disciplina em questão.

4.2 A LEITURA REALIZADA FORA DA ESCOLA

A leitura dentro da escola é trabalhada a base de exercícios contidos nos livros didáticos e para-didáticos. Mas observamos que há uma iniciativa dos professores em desenvolver à prática da leitura fora da escola, fazendo com que haja uma intimidade entre os alunos com outros tipos de textos, de fato nas atividades de pesquisar as datas comemorativas. Para tanto, é preciso ainda que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o entendimento do que é realmente leitura e se condicionarem enquanto leitores, não se efetiva a compreensão do processo ensino-aprendizagem da leitura.

Aos professores, na condição de educadores, resta a grande tarefa de fazer com que os alunos se interessem pela leitura. Mas como fazê-lo a partir de textos didáticos, sem que se consiga inserir no dia-a-dia do aluno a leitura mais recreativa, de textos literários e sem a obrigação oriunda da escola. Nesta fase da pesquisa realizamos uma entrevista não participativa com os alunos corpus da investigação, com uma amostragem de 20% dos alunos, com perguntas simples, buscando conhecer que tipo de leitura eles efetuam fora da escola, até que ponto essas leituras estão vinculadas ao livro didático.

⁴ Consultar o Guia de Livro Didático - 5a a 8a séries (2001) ou o site www.mec.gov.br

Como roteiro de observação, foi colocado em prática na sala de aula questionários, onde foram selecionados dez alunos do 4º Ano “c” e dez alunos do 5º Ano “c” do Ensino Fundamental.

Primeiramente foi analisada a opinião dos alunos em relação ao processo da prática da leitura fora da escola e apesar da escola não possuir uma biblioteca para os alunos realizarem leitura independente, aquele tipo de leitura por prazer e não apenas por obrigação atribuída pelos professores como avaliação. Esses alunos ao respectivo questionário 100% responderam que gostam de ler, 30% procuram outros lugares para adquirir conhecimento tais como: biblioteca pública, cyber, museu, “Memorial Padre Cícero” e outros. Ainda realizam leitura diversificada, não só através do livro didático na sala de aula proposta pelo educador e 70% lêem histórias de conto de fadas. Porém a existência de uma biblioteca iria facilitar na intenção de motivar e ao mesmo tempo é um modo de incentivar o hábito de ler nos alunos e 100% responderam que uma biblioteca na escola faz muita falta.

Em segundo momento, percebemos a necessidade de estimular mais o gosto da leitura dentro da escola, pois a leitura é concebida como um controle para disciplinar os alunos e utilizada como forma para manter a disciplina na sala de aula. Ao analisar as respostas, constatamos que no geral as crianças demonstram interesse pela leitura. Mas o que falta é mais criatividade por parte dos docentes na sala de aula ao preparar seus planos de aula.

É importante ressaltar que esta pesquisa não contempla a quantidade e qualidade dos textos utilizados nas aulas de leitura e não parte de nenhuma teoria, no que diz respeito ao Livro Didático e a leitura na escola em si, mas sim do olhar do pesquisador sobre o assunto, das observações em sala de aula e análise do plano de aula.

Nossa hipótese é confirmada, uma vez que não ocorre devidamente o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita através de outros textos de diferentes gêneros literários, que facilite a compreensão da leitura e que traga uma atração a mais às práticas leitoras na escola. Isto se dá, pelo fato da própria escola não possuir uma estrutura pedagógica criativa para o desenvolvimento deste ato, fazendo com que os professores nesta fase atuem realmente como mediadores entre o leitor e o texto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto constatamos que é de grande importância a prática da leitura fora da sala de aula, mas para isto os professores devem formular bem suas estratégias e lidar com instrumentos utilizados no intuito de um processamento do ensino-aprendizagem de maneira mais prazerosa para os alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão das práticas leitoras autorizada pela escola é aquela realizada por prazer, vem cada vez mais exigindo dos alunos concentração, dedicação e tempo. Para ter bons resultados em relação à leitura colocada em prática na sala de aula é necessário que o educador utilize métodos didáticos e criativos para envolver seus alunos durante a realização das tarefas da escola.

No que se refere a prática da leitura recreativa, já que a escola não dispõe uma biblioteca cabe a esta mesma desenvolver mais atividades que chamem atenção, motive e ao mesmo tempo seja prazerosa para incentivar os alunos a lerem. Tais como: mini acervos em sala de aula, visitas uma vez por mês nas bibliotecas, museus e entre outros.

A leitura no contexto escolar é basicamente o estudo dos livros didáticos e para-didáticos ministrados na sala de aula por professores que devem estar altamente preparados e ser competentes.

Ler além de ser uma atividade de lazer, contribui para a formação intelectual e cultural dos indivíduos. E a escola é o local legitimado para este processo. A biblioteca escolar funciona como uma ponte, um elo, que liga o aluno, o professor, e o texto, e que tem como produto final a formação de práticas leitoras.

Entretanto, observamos em nossa investigação que na escola o texto é não é tratado só como produto, é considerado como um processo significativo, dinâmico, que considera o conhecimento prévio dos alunos e seu contexto social e histórico.

Leitura dinâmica é a constituição de diversos métodos para aumentar a velocidade da leitura, elevando o entendimento e a absorção das informações. Por sua vez esse tipo de leitura é dividido em três etapas clássicas: ver, pronunciar e compreender. No caso são realizadas leituras de grupos de palavras, onde o texto é alinhado de maneira que fique fácil ver o texto. Fazendo com que melhore a aprendizagem, concentração e aumento da retenção das informações lidas.

A escola é um modelo na relação entre o mestre e o discípulo com o objetivo de disseminar a informação e deve ser um lugar onde propicia o gosto

de aprender a ler. Por isso é considerada um centro vital e intermediário do saber.

Kleiman (1995), diz que “A aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura [...]”. A prática da leitura na escola é constituído como papel fundamental para formar indivíduos dialogicamente. É onde há contato entre o leitor, com outros diferentes textos, o que cada leitura significa, causando intertextualidade e o diálogo entre ambos. Ainda o ato de ler freqüente é para o leitor um refúgio da realidade que o inseri, é um modo de escapar da tensão e do próprio estresse do dia-a-dia. É uma forma de passa tempo e ao mesmo tempo é importante para a formação do indivíduo, classificado como cognitivo. Por isso a leitura é explícita e implícita no processo que constrói o saber.

A aprendizagem da leitura permite ao leitor conhecer, refletir e atuar sobre esta realidade, fazendo sentido então ler para escrever, ler para decorar, ler para entender e escrever para não esquecer. (Cavalcante, 2006).

A livre escolha da leitura e não da obrigação de ler para responder atividades na sala de aula, faz com que o aluno compreenda diversos tipos de textos não só no contexto escolar. É importante a promoção da prática da leitura na escola, pois é o início para estimular os alunos a lerem fora da escola, que contribui principalmente para a formação do intelecto e cognitivo do aluno. Não deve se limitar a uma dada função específica, porém serve para construir um indivíduo no processo do conhecimento.

Para compreender o funcionamento da leitura, é preciso primeiramente saber porque os leitores lêem”, a leitura realizada pelo povo brasileiro é considerada alarmante, pois é praticada de forma monológica e imperativa, ou seja, na maioria das vezes não acontece diálogo entre o leitor e o texto. Simplesmente é algo automático e sistemático ministrada pela escola.

Ainda é importante ressaltar que para promover a leitura não existe receitas mágicas e infalíveis e sim muita intuição, trabalho em equipe juntamente com a colaboração de todos os professores, alunos e coordenação da escola.

Finalizando, este trabalho além de ser mais uma fonte de pesquisa para discentes, docentes e público no geral. Servirá para ampliação e disseminação do conhecimento, mediante o assunto abordado.

ROSELI, Maria. *As histórias contadas e a história da leitura*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Condições de trabalho e a leitura: uma avaliação quantitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROSELI, Maria. *Condições de trabalho e a leitura: uma avaliação quantitativa em bibliotecas escolares públicas de um município brasileiro*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *O trabalho em bibliotecas escolares*. 1997.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa em bibliotecas públicas de um município brasileiro*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

ROSELI, Maria. *Trabalho em bibliotecas escolares: uma avaliação quantitativa*. Curitiba: Mariposa, 2007.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABREU, Márcia (Org.) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- ALLIENDE, Felipe. CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ANDRADE, Araci Isaltina de, BLATTMANN, Ursula. **Atividades de incentivo à leitura em bibliotecas escolares: relato de um projeto**. Apresentado na II Jornada Norte/nordeste de Biblioteconomia e Documentação e I Seminário Norte/nordeste de Bibliotecas Escolares, Recife 13-17 de setembro de 1998. 14p. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~ursula/papers/leitura.html>> Acesso em 15. Maio. 2010.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 1973.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CARVALHO, Ana Maria Sá de. Políticas de Leitura e Biblioteca: na contracorrente da formação do leitor. IN: PINTO, Virgínia Bentes. et al. (Orgs.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- CAVALCANTE, Telia Batista. **A prática Pedagógica no Ensino Fundamental**, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. – São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.
- CERVO, Amado L. et al. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CORACINI, Maria José. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura Como Produção de Sentidos. In: **PRÁTICAS de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

JOUVE, Vicent. **A Leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

LEAHY, Cyana. Leitura no Final do Século XIX: um caso de controle pedagógico. In: LYONS, Martyn. LEAHY, Cyana. **A Palavra Impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: casa da Palavra, 1999.

LENOTTI, Ana Duarte. **Os caminhos da leitura**. Educação online, 2004. ISSN 1807 5231. disponível em <<http://educacao-online.blogspot.com/2008/06/os-caminhos-da-leitura.html>>. Acesso em 19. Maio. 2010.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desejo). **Série Idéias** n.13, São Paulo: FDE, 1994. p. 101-106. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=005> Acesso em 17. maio. 2010.

MASINI, Maria Lúcia Hage; MAIA, Suzana Magalhães. A Leitura enquanto prática social e a intervenção na escola. **Série Idéias** n. 5, São Paulo: FDE, 1988. p. 73-76. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p073-076_c.pdf>. Acesso em 17. Maio. 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAYRINK, Paulo Tarcísio. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do estado da Bahia, 1991. 2 v., v. 1, p. 304-314.

MORAIS, José. KOLINSKY, Regina. A ciência cognitiva da leitura e alfabetização. **Pátio Revista Pedagógica**, ano VIII, n. 29, p. 13-17, fev./abr. 2004.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição a formação crítica sócio-cultural do educando. **Transinformação**, Campinas, v. 6, n.1/3, jan./dez. 1994

RICHARDSON, Roberto Jarry. (Org.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROAZZI, Antônio. CARVALHO, Maria do Rosário. O Desenvolvimento de habilidades de segmentação lexical e a aquisição da leitura. **Rev. Brás. Est. Pedag.** Brasília, v. 76, n. 184, p. 477-548, set./dez., 1995.

SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola. **Revista Literária Blau**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 20-24, mar. 1998.

SANDRONI, Laura. MACHADO, Luiz Raul. **A Criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. **A produção da Leitura na Escola: pesquisas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **R. Bibliotecon. & Comun.**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, jan./dez. 1996.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MANUAL DO PROFESSOR

De olho no FUTURO

LÍNGUA PORTUGUESA
EDIÇÃO RENOVADA

4º ANO

PNLD
2010
2011
2012

FNDE
MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

CODIGO DO LIVRO TIPO
15735C0122 M

Obra atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Cassia Garcia de Souza
Lúcia Perez Mazzi

VENDA PROIBIDA

curso De olho no FUTURO

BRASIL

APÉNDICE



PROJETO

Letras e Matemática

Objeto

Conteúdo

Objeto

Objeto

Objeto

Objeto

Objeto

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC CURSO DE BIBLIOTECONOMIA CAMPUS CARIRI

PROJETO: A LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA: um estudo de caso na E. E. F. M. Izabel da Luz, em Juazeiro do Norte – CE.

Entrevistados: Alunos do 4º e 5º ano “C”.

QUESTIONÁRIO:

1. Você gosta de ler?

() SIM () NÃO

2. Que tipo (os) de leitura você realiza?

() HISTÓRIAS DE CONTO DE FADAS;

() GIBIS;

() BIBLIÁS;

() TEXTOS DO LIVRO DIDÁTICO.

3. Além de ler na sala de aula, quais outros lugares você realiza uma leitura?

() BIBLIOTECA PÚBLICA;

() EM CASA;

() MUSEOS.

4. Na sua opinião uma biblioteca na escola faz falta?

() SIM

() NÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
CAMPUS CARIRI

Ofício S/Nº/2010

Prezado (a) Senhor (a) solicitamos autorização para realizar pesquisa nesta escola referente ao Projeto: **A LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA: um estudo de caso na E. E. F. M. Izabel da Luz, em Juazeiro do Norte – CE**, de autoria da aluna Josimere da Silva Matos, sob a orientação da Profª Ms. Maria Cleide Rodrigues Bernardino, para conclusão do Curso de Biblioteconomia.

Salientamos ainda que será resguardado o sigilo quanto as respostas dadas, observando as premissas da ética na pesquisa.

Atenciosamente,

Josimere da Silva Matos

Graduanda de Biblioteconomia UFC/Cariri

Profª Ms. Maria Cleide Rodrigues Bernadino

Orientadora